

REVISTA AGRICOLA

—DE—

GUIMARÃES

ORGÃO DO SYNDICATO AGRICOLA DE GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno 1.º

Junho de 1898

N.º 9

SUMMARIO :

	PAG.
Milho e milho forragem.— <i>João da Motta Prego</i>	181
Tratamento das vazilhas.— <i>A. Motta Prego</i>	185
Necessidade da criação de um partido municipal de agronomia no concelho de Guimarães.— <i>A. Motta Prego</i>	187
Escolha de vides.— <i>A. Motta Prego</i>	189
Relatorio da Direcção	194
Mercados de janeiro, fevereiro e Março	198, 199, 200

GUIMARÃES

—
Typ. Silva Caldas

—
1898

MILHO E MILHO-FORRAGEM

Estrumação para a cultura do milho—Adubação do milho-forragem—
Adubações racionais—Milhos americanos.

VEM chegada a occasião das sementeiras de milho e de milho-forragem.

A pratica ordinariamente seguida consiste em alternar a cultura do milho, cultura sachada, com uma que o não seja, o trigo por exemplo.

As estrumações de uma folha de terra fazem-se em geral empregando as directamente na cultura do milho, aproveitando a cultura subsequente os beneficios da primeira estrumação.

A experiencia levou os agricultores a esta pratica.

Com effeito, segundo elles, uma forte estrumação directa na cultura do trigo provoca um grande desenvolvimento herbaceo com todos os inconvenientes d'este desequilibrio: acama, muita palha e pouco grão, etc. Ao passo que esta forte adubação, depois de ser attenuada por um anno de cultura de milho, beneficia este dando no anno seguinte searas productivas nas quaes se não notam estes desequilibrios.

Isto é até certo ponto verdadeiro; e a pratica, bem mais instruida do que nós, muitas vezes o confirma.

A planta do milho, com effeito, resiste mais ao excesso de uma adubação azotada do que o trigo. Mas isto não quer dizer que o milho seja mais productivo com este excesso de adubação e que este desequilibrio na fertilidade da terra não se possa fazer sentir no anno immediato, na cultura cerealifera que lhe succeda.

A melhor adubação para milho, para trigo, para outra qualquer cultura é aquella que mais se harmonisar com as necessidades da planta e com a riqueza natural do solo.

Sucedeu-nos que uma folha de terra, fertilizada com 30 toneladas de estrume por hectare e cultivada de milho, nos deu uma producção inferior de um terço a uma outra terra mais pobre e na qual deitamos uma adubação chimica de 60 kilos de acido phosphorico e 20 kilos de azote sob a forma de sulfato de amoniaco.

Quando introduzimos n'uma terra 30 toneladas de estrume por hectare, equivale isto a dizer que n'essa terra foram incorporados proximamente: 120 kilos de azote, 90 kilos de acido phosphorico e 150 kilos de potassa. Dividindo

nós por três annos a somma d'estes principios (dando este periodo á acção fertilizadora do estrume) temos para cada anno : 40 kilos de azote, 30 kilos de acido phosphorico e 50 kilos de potassa.

Ora succede, se considerarmos uma terra média, isto é, em condições médias de fertilidade, 20 kilos de azote, 40 kilos de acido phosphorico e 60 kilos de potassa constituem uma adubação capaz de dar uma produção excellente.

Comparando esta adubação com a fornecida pelo estrume, vemos que esta é superabundante quanto ao azote e deficiente quanto ao acido phosphorico.

E se considerarmos que a produção de uma dada cultura é proporcional, não ao elemento que superabunda, mas sim ao que se encontra em menor percentagem, teremos assim a explicação do facto que apresentamos acima : o termo obtido n'uma terra inferior e por uma despesa que não foi além de 135000 reis por hectare, uma colheita superior de um terço a uma outra obtida n'uma folha de terra reputada de melhor qualidade e na qual tínhamos deitado 50 toneladas de estrume por hectare.

Não entramos em linha de conta com a potassa, por julgarmos a maioria das terras provida d'ella sufficientemente.

D'este facto que deixamos apontado resulta que o trigo succedendo á cultura do milho fortemente adubado, não fica isento de acamar, a seara deve apresentar-se luxuriante e, se a terra não fôr naturalmente provida de acido phosphorico, a sua produção não corresponderá á sua apparente fertilidade.

De modo que não temos a menor duvida em aconselhar para a adubação do milho : 15 toneladas de estrume e 15 kilos de acido phosphorico por hectare; e no anno seguinte a adubação para a cultura do trigo deve limitar-se a 35 kilos de acido phosphorico por hectare, espalhado a lanco por cima da lavoura da sementeira.

Procedendo-se d'este modo pode o estrume empregar-se, com igual vantagem, directamente no trigo ou no milho.

Se o milho, porém, fôr semeado basto para forragem, já a forte adubação azotada se coaduna melhor com o desejo do agricultor de obter um grande desenvolvimento herbaceo: considerando que no anno seguinte a cultura pode soffrir d'este excesso de adubação azotada.

A adubação chimica que aconselhamos para os forra-

geaes de milho é, por hectare, de 30 kilos de azote, 40 kilos de acido phosphorico e 60 kilos de potassa.

Entramos sempre com a potassa na formula da adubação embora a não tenhamos adoptado, isto pelo motivo que dissemos de serem as terras em que temos estabelecido a nossa lavoura, mais do que sufficientemente providas d'este elemento.

Chegamos á convicção da inutilidade da potassa, porque, tendo mandado analysar todas as terras por nós trabalhadas, a folha que nos apresentou menor percentagem de potassa continha 1,56 por mil, dando-nos as outras 3 e 4 por mil. Incorporando nós n'esta terra em meio hectare 30 kilos de potassa e deixando o resto como testemunha, não lhe notamos a menor differença.

— — —
Mais uma vez insistimos sobre a analyse das terras.

Com effeito uma adubação racional só se pode fazer quando o agricultor fôr conhecedor da potencia productiva da terra que vae ananhar e das necessidades da cultura a que a destina.

Pela lição das culturas antecédentes, das adubações que lhes dispenseou, desenvolvimento herbaeco d'essas culturas, o lavrador pode adquirir um tal ou qual conhecimento da riqueza provavel do solo em azote.

Pela cultura do trigo pode tambem tirar algumas indicações quanto á sua riqueza em acido phosphorico, por ser este elemento de primeira importancia para a fructificação d'este cereal.

Mas quanto á riqueza natural em potassa é que o problema se escurece por completo e só recorrendo á analyse elle poderá obter indicações que facilmente o orientem nas adubações a empregar.

Pode-se, por meio de um ensaio de cultura, variar as adubações n'uma dada folha de terra para que a propria cultura diga qual a adubação que mais lhe convem. Mas a verdade é que estes ensaios em pequenas superficies são, na grande cultura, de bem pouco valor pelas innumeradas causas de erro que se aggravam prejudicando as conclusões; e as adubações de um quarto de hectare ou de um meio hectare, são muitissimo mais dispendiosas do que o custo de uma analyse de terra a qual, sendo feita por intervenção de um syndicato agricola, não vae alem de 1\$500 reis.

Por termos procedido d'este modo e realizado avultadas

economias nas adubações, não nos cançamos de aconselhar aos agricultores o caminho que seguimos. Com effeito, em todas as adubações supprimimos a potassa, em algumas supprimimos o azote, o que nos chegou a dar um preço por hectare de 6 a 7\$000 reis; despeza que se elevaria a 20\$000 reis se tivéssemos desprezado o mandar analysar as terras.

O que dissemos na nossa revista passada sobre a escolha de sementes para os trigos, deve o agricultor escrupuloso applicar á sua cultura de milho.

Nos Açores, sobretudo na ilha de S. Miguel, alguns agricultores mais esclarecidos importaram variedades de milhos americanos com os quaes teem obtido famosas produções. Estes milhos que julgamos excellentes sobretudo para as terras irrigadas ou de natureza mais funda, recomendam-se sobretudo pelo comprimento e grossura da espiga, maior numero de carreiras, e pelo seu carolo extremamente fino.

Fizemos ensaios culturaes d'estes milhos, mas, por serem de um anno só, não nos atrevemos por enquanto a apresentar conclusões, ainda que os bons resultados obtidos nos surpreendessem.

Os agricultores que queiram experimentar estas differentes variedades, facilmente as poderão mandar vir dos Açores.

Devido á amabilidade de um illustrado agricultor de S. Miguel, adquirimos umas poucas d'essas variedades que repartimos por alguns agricultores e associações agricolas, não tendo em resposta obtido (é forçoso dizel-o) a menor indicação sobre a vantagem da cultura d'esta ou d'aquella.

Talvez entre elles, alguns, que porventura sejam leitores do «Jornal do Commercio», se lembrem, lendo esta revista, do que nos prometteram, collocando-nos em condições de fornecermos mais amplos esclarecimentos.

JOÃO DA MOTTA PREGO.

(De o «Jornal do Commercio» de 17 de março de 1898)

TRATAMENTO DAS VAZILHAS

É o vinho um hospede muito melindroso; sempre que o não recolhem em casa limpa, adocece. Dispensa luxos; não dispensa aceio.

Quem quizer ter bom vinh hade ter boas vazilhas. Fabrique-se um vinho superior ao mithologico nectar, e deite-se n'uma vazilha com azedia, com mau cheiro, com mau saibo, ficará um liquido detestavel, que nem o proprio demo é capaz de beber.

Pode-se avaliar o brio de um proprietario, de um lavrador, pelas suas vazilhas vinarias. Adega com vazilhas doentes mostra que o dono não cuida dos seus vinhos, não prima em melhoral-os, não se importa em ganhar nome e credito.

Mas acontece ainda aos mais cuidadosos contrahirem defeitos as suas vazilhas. Como cural-as ?

Peço licença para me occupar d'este assumpto, não com ares ou pretensões de ensinar o padre-nosso ao vigario, mas com o intuito de reunir os apontamentos que, estudando, colhi.

A mais frequente das doenças das vazilhas é a azedia.

Quantas vezes o lavrador, o proprietario amigo me tem dito com desvanecimento: veja como cheira este casco! que força! que vinho não ha de fazer!

E a final cheira a azedo.

Lembro-me de um lavrador que tinha por habito não despejar nunca totalmente as suas vazilhas para lhes conservar a força, e este resto de vinho azedava e ficava mezes allí até que chegasse a maré de as encher com o vinho novo. E o que elle gabava o cheiro das vazilhas: cheira a maçãs! me dizia elle com desvanecimento.

Pasmo do que vejo a cada passo. Como é que o vinho resiste a tantas e tamanhas judiarias, é o que eu não sei. Só o poder de... Baccho!

Vou, pois, indicar como se cura a azedia.

O snr. Batalha Reis no seu livro—Vinho de Pasto— aconselha um suadouro de agua a ferver e carbonato de soda ou de potassa, segundo a intensidade do mal, sendo a proporção de 500 gram. de soda ou potassa por 10 litros d'agua; a potassa tem um effeito mais energico. Se a

azedia resiste a este tratamento, accrescenta o snr. Bata-lha Reis, pode empregar-se com vantagem o leite de cal, na rasão de 1 kilo de cal por 10 litros de agua, que se conservará por algum tempo dentro da vazilha. Quando se despeja a vazilha lava-se bem com agua simples primeiro e depois acidulada com 5 p. c. de acido sulfurico. Por ultimo pode-se dar-lhe um suadouro com carbonato de soda (10 grammas de carbonato por litro de agua) e terminar o tratamento com lavagens com agua fria.

Diversos processos de que tenho conhecimento não divergem essencialmente d'este. Todos tem por base a grande afinidade do acido acetico para a soda. Forma-se um acetato de soda, que é facil de expulsar com lavagens, especialmente com agua quente, seguidas d'outras com agua fria. Quem poder introduzir na vazilha um jacto de vapor opera mais rapidamente e melhor.

Por este processo se consegue utilizar uma vazilha que tenha contido vinagre. O que é preciso é que o liquido sodico vá mesmo ao coração da madeira saturar o acido acetico. Depois de bem lavada a vazilha com agua quente, introduz-se-lhe dous kilos de soda em cristaes desfeitos em 10 litros de agua a ferver, por pipa de 500 litros, rola-se e volta-se muitas vezes em todos os sentidos, de modo que seja molhada por toda a parte, para que toda a madeira se impregne bem, depois lava-se muitas vezes com agua a ferver e por ultimo com agua fria.

Passo agora ás vazilhas com mau cheiro ou mau saibo.

Bebamos ainda no livro acima citado.

Se o bafio não fôr muito forte tira-se de ordinario com agua misturada com 10 p. c. de acido sulphurico. A dose é de 5 litros d'esta agua por hectolitro de capacidade. Rola-se bem a vazilha em todos os sentidos para que a agua acidulada lhe banhe todos os pontos. Depois da agua ahi se demorar alguns dias, esgota-se e lava-se com agua fria. Esse esteremedio não suspender o mal, usa-se do seguinte: Por cada hectolitro de capacidade empregam-se as seguintes doses:

30 grammas de chlororeto de cal desfeito em 1 litro de agua fria.

2 litros de agua com 30 a 50 grammas de acido sulfurico.

Logo que se lança esta mistura dentro da vazilha ba-

toca-se esta e espera-se a acção da reacção chimica. O acido sulfurico combina-se com a cal e deixa livre o chloro que produz immediatamente a sua acção desinfectante. Feito isto desembaraça-se a vazilha do cheiro e da acção do chloro, para o que se enche a vazilha de agua, que se despeja em seguida, repetindo-se algumas vezes a operação. Acabado isto queima-se enxofre para destruir com o gaz sulfuroso o chloro, e termina-se a cura lavando-se a vazilha com muita agua.

Em alguns casos, aconselha mais o snr. Batalha Reis, é bom empregar 100 grammas de bisulphato de cal dissolvido em 10 litros de agua quente por cada hectolito de capacidade—sendo o banho geral—ou simplesmente esta porção por vazilha, quando o banho fôr só no bojo. Depois d'isto um suadouro com cal, e por ultimo lavagens com agua fria.

(Continua)

Motta Prego

Necessidade da criação de um partido municipal de agronomia no concelho de Guimarães



OMPETE á Camara, como administradora e promotora dos interesses do municipio, deliberar sobre a criação de partidos para veterinarios e agronomos e sua extincção. Cod. Adm.

art. 50 n.º 18.

O pensamento, que synthetizamos na epigraphie d'estas breves considerações, tem, por isso, a protecção da lei. Terá tambem a dos bem entendidos interesses da lavoura? E' o que vamos vêr.

Entre os muitos males de que enferma a nossa agricultura, cumpre attender aqui aos seguintes: á falta de sciencia agricola no geral dos proprietarios e dos lavradores, e ás doenças que victimam os vegetaes cultivados.

O agronomo será, para os que não sabem, mestre e guia; será um medico, a quem se recorra, quando as plantas sofram.

O intento de todos os que directa ou indirectamente exploram a terra é produzir o maximo, melhor e mais barato, é ganhar. A este fim tende o progresso agricola. Mas como attingir aquelle alvo o agricultor que não tem a sciencia precisa para, mudando os processos ou aperfeiçoando-os, dirigir a sua exploração o mais lucrativamente possível? Se lhe não é impossivel, é-lhe difficultoso.

O agronomo aconselhará o agricultor, guiará os seus ensaios, encaminhal-o-á segura e economicamente ao fim a que visa.

Assim como se consulta um architecto a proposito de um edificio, um engenheiro ácerca d'uma obra, um advogado a respeito de uma demanda, um homem habilitado com conhecimentos technicos attinentes ao que se quer consèguir, por que razão se não hade consultar um agronomo a respeito da melhor e mais conveniente exploração da terra? Chegou, por ventura, a nossa lavoura a tal grau de perfeição, que possam os agricultores deixar de carecer das luzes dos profissionaes? Infelizmente não chegou; e para se introduzir modificações nos processos culturaes com certeza de ter bom resultado, é necessario que quem sabe diga como se ha de fazer.

Ninguem dirá que não possamos augmentar, por exemplo, a producção do milho nos nossos campos com o emprego dos adubos chimicos. Supponhamos que um lavrador quer usal-os. Obtem a analyse do seu terreno; obtem o adubo segundo as indicações do chimico analysta; resta-lhe proceder á applicação. Como hade fazer? Não sabe.

Recorre aos ensaios. Mas os ensaios não lhe deram resultado, ou não lhe deram o que elle esperava. Porque? Não sabe. Que resulta? Desanima, e volta á pratica de seus paes, com mais uma decepção, com mais uma desconfiança das *novidades*, e com o pessimo effeito de aferrar na rotina aquelles que presenciaram o mau exito.

O agronomo será um guia seguro, com o qual haverá a certeza de não transviar. E com elle cada proprietario póde iniciar o melhoramento das suas explorações agricolas, certo de que vae pela via mais efficaz e mais economica.

Hoje, infelizmente, se uma vinha, se uma ceara, se uma horta, apresentam manifestações morbidas, não ha a quem recorrer, a quem consultar; d'esta sorte vêm-se perecer culturas, que se fossem soccorridas se salvariam.

Se os vegetaes são atacados de muitas doenças incuráveis, doenças ha que podem combater-se e debelar-se.

Ora o medico dos vegetaes é o agronomo. Assim como se recorre ao veterinario quando adoecem um boi, não será menos sensato recorrer ao agronomo quando soffre uma ceara, uma vinha etc.

O homem nada pôde contra as calamidades atmosphericas; um furacão, uma longa secca, uma saraivada, uma geada, etc. etc; mas os males não tem só esta origem. Uma seara pôde defruar por falta de nutrição, por falta no solo de algum elemento essencial á vegetação, por muitas causas que podem ser subjugadas e destruidas desde que conhecidas sejam. E' no reconhecimento d'estas causas e no seu remedio que se torna util, conveniente, necessario o agronomo.

Pezar temos de não podermos demonsttar a nossa these com melhores e mais producentes argumentos; mas fazemo-lo como sabemos e podemos; outros virão, que o farão melhor.

Se se não construisse o matadouro não teria o municipio de Guimarães tão cedo o partido de medico-veterinario. Pode, quem sabe?, dar-se breve qualquer circumstancia que seja occasião de se crear o partido de agronomia. Pôde até a camara, poudo de parte uns certos medos e acanhamentos, delitar a sua criação, visto que já reconheceu a conveniencia d'elle, deliberando que o partido fosse provido em agronomo-veterinario, do que desistiu em virtude de ser informada da difficuldade, da quasi impossibilidade de concorrer ao partido algum dos antigos alumnos do curso de agronomia e veterinaria, que foi desdobrado em dous cursos distinctos.

Preciso é que aquelles que reconhecem a necessidade de um agronomo municipal vão fazendo ouvir a sua voz, que por enquanto será isolada, mas que pôde sem grande custo constituir legião.

A. Motta Prego.

Escolha de vides

CONFESSAR que o vinho verde, que actualmente se produz no concelho, não é um genero sem defeitos,

ha de ser couza custoza de conseguir da maioria dos lavradores.

Com defeitos este vinho ! dirá o lavrador contemplando-o na caneca de louça branca, em que o recolheu do casco espicado. Vejam que côr ! que laço ! O homem trelê !

E acabou-se ! Perderá o seu latim, quem tentar mostrar o contrario. E se passar a dissertar sobre as imperfeições do fabrico, sobre os methodos a adoptar, só encontrará incredulidade e troça.

E', por isso, que não vou hoje occupar-me das imperfeições do fabrico do vinho verde; mas da escolha das vides, como um dos elementos do seu aperfeiçoamento futuro.

Em primeiro logar ouçam os meus collegas uma voz de protesto contra a tendencia de plantar com excesso as vides nos fundos com sacrificio das culturas arvenses. E' um erro e um perigo.

Erro, porque o vinho é de peor qualidade; perigo, porque o desenvolvimento da cultura da vide pôde trazer um assoberbamento de vinho, e por tanto o pezar do desfalque nas receitas, que aquellas viriam supprir.

Cultive-se pão, mais pão, muito pão, nos terrenos proprios para o pão. Cultive-se vinho, mais vinho, muito vinho nos terrenos menos proprios para o pão e mais proprios para o vinho.

Quem escutará esta voz, quando o vinho se está pagando tão bem ? Oxalá não venha nunca occasião de ser preciso ouvi-la.

Um dos mais faceis modos de melhorar os vinhos é a adopção de boas castas. Irá tão longe o preconceito, que até isto mereça pouca attenção ? Não o creio, e por isso direi duas palavras.

O fundo da nossa cultura viticola é formado por duas castas tintas : borraçal e vinhão. Aquella é muito productiva; esta não é tanto; mas junta com aquella forma um bom vinho, porque dá muita côr, e, por que sendo bastante assucarada, dá sufficiente força alcoolica.

Castas brancas quasi que não ha, porque até agora se tem prestado pouco cuidado á producção de vinhos brancos, o que é uma pena, porque os vinhos brancos são estimados, e o seu valor não é menor que o dos vinhos tintos. As poucas que ha são mais propriamente para a meza; para vinho temos a esganinho ou esgana-cão, cujo nome lhe basta.

Mas então, perguntar-nos-ão, deve correr-se com o vinho e com o borraçal? Não.

O que eu quero dizer é que convem introduzir castas que produzam bom vinho, castas que sendo de abundante produção, como o borraçal, dêem producto de melhor qualidade, e castas que eguallem, se não excedam o vinhão nas qualidades que tornam esta casta estimada, ao mesmo tempo que produzam mais.

O que quero dizer é que não devemos limitar-nos só a produzir vinho, e que devemos produzir também boas uvas de meza.

Mas quaes são essas castas? Ver-me-ia em grande embaraço, se quizesse dar conselhos.

Este anno quiz reunir uma collecção de castas, para as apreciar opportunamente e fazer uma acertada escoiba. Pedi, comprei, escolhi e arranjei as seguintes:

Alicante Henry Bouschet, tinta.

Alicante—mais que uma qualidade.

Alicante Rupertris Terras n.º 20, tinta.

Alvarago, branca.

Arrullo, tinta.

Aramon, tinta.

Arinto.

Bacchus.

Black Defiance, tinta.

Black Eagle.

Bical.

Bourrisquou Rupertris 503 (Condere), tinta.

Baga.

Bastardo, mais que uma qualidade, branca e tinta.

Batoca, branca.

Cascal, branca.

Chasselas.

Cabernet Sauvignon, tinta.

Castet.

Clairette blanche, branca.

Curvalhal, branca.

Colhão de gallo.

Cachopa, branca.

Cognac Condere, branca. Emily York Cognac
(Condere 904)

Cantagallo.

- Cornucopia, tinta.
Cynthiana.
Concord.
Doce, tinta.
Delaware.
Dedo de Dama, tinta.
Dourada ou moscatel gallego, branca.
Diagalves, branca.
Duchess, branca.
Espadeiro, tinta.
Elvira, branca.
Etraire de l'Adhuy.
Ferral de Alicante, roxo.
Formosa de Branchand, branca.
Ferral hespanhol, tinta.
Folle blanche, branca.
Gamay, tinta.
Gonçalo Pires, tinta.
Herbemont, tinta.
Hybride Seibel n.º 1.
Isabel.
Irwing.
Jacquez, tinta.
Limberges.
Loureira, branca.
Labrusca.
Moscatel de Hamburgo, roxa.
Malvoisie de Siracuze.
Malvazia, diversas qualidades.
Moscatel de Jesus.
Mourisco do Douro, tinta.
Moscatel branco.
Moscatel roxo.
Muroeira ou paga divididas.
Maria Gomes.
Molle, tinta.
Noah, branca.
Negret, tinta.
Othello, tinta.
Ozella, tinta.
Portugais bleu, tinta.
Pinot Caberaet.
Précoce de Malingre, branca.

Picalpul.
Parduço ou uva do Pastor, branca.
Promissão.
Pomaréde, tinta.
Rozaki rouge.
Secretary.
Salsa, branca.
Santareno.
Triumph.
S. Thiago, tinta.
Tinta amarella, tinta.
Travanqueira, tinta.
Teinturier, tinta.
Touriga.
Tinta carvalha, tinta.
Tinta franceza, tinta.
Vinhão da tinta, tinta.

E ainda muitas outras, não fallando nas americanas para cavallos de enxertia, riparia, rupertris, soloniseet, umas nascidas, mas cujos caracteres me pareceram distinctos, e outras cujos nomes não sei, conhecendo-as apenas pelos nomes dss pessoas que m'as mandaram, ou dos logares onde as encontrei.

E' provavel que muitas estejam repetidas com diversos nomes, que muitos nomes estejam errados, bem como erradas sejam as designações da côr.

Se me perguntarem o que penso d'estas castas e de outras, que, pelo motivo exposto, não indiquei, direi mui pouco, porque na maxima parte as não conheço; espero que produzam para depois julgar.

Mas tenho muito onde escolher, não é assim ?

Ora, se esta collecção fosse feita não por mim, mas pelo syndicato, mas por uma corporação, não resultaria do estudo d'estas castas proveito á nessa agricultura ? Sem duvida.

Não poderiam dentro em pouco tempo verem os meus collegas, que são os que tractam, que cultivam as vides, quaes as melhores vides, aquellas que mais convinha introduzir para obter a melhoria nos nossos vinhos tintos, brancos e nas nossas uvas de meza ?

E' sempre inconveniente abandonar castas já conhecidas e apreciadas, por outras que o não são; mas não é ainda do-

gna, que os vinhos verdes só possam obter-se com o borraçal, com o vinhão, o espadeiro etc.

Havia d'antes o mourisco, lá se foi o mourisco: cultivava-se muito o azal, agora e livva-se menos; e o vinho verde ficou. Podem passar o borraçal, o vinhão e todas as mais castas, mas o que não passará é o solo, o clima, o systema de cultura.

Collegas : se haveis de enxertar com garfos de más castas, enxertae com garfos de boas castas; se haveis de formar os vossos viveiros com más qualidades, formae-os com boas; não corraes com o que tendes, que não é mau, mas augmentae com o que fôr melhor.

Prognostico-vos que havemos de produzir um vinho que conservando o nome de verde, que tendo as bellas qualidades d'este producto, possa concorrer a todos os mer a os, apparecer em todas as mezas, ser a delicia dos nossos paladares e a fartura das nossas bolsas.

A. Motta Prego.

RELATORIO DA DIRECÇÃO

Senhores :

DESEMPENHANDO uma das obrigações que nos Dimpõem os nossos estatutos, vimos apresentar o relatório da nossa gerencia.

Pouco fizemos este anno; esse pouco, porem, demonstrá a nossa boa vontade e a utilidade d'esta instituição ainda mal comprehendida, e por isso mesmo menos efficaç.

As instituições agricolas precisam para progredir de que o meio, em que vivem, lhes seja proçicio. Infelizmente o calor vivificante não se tem manifestado, não obstante ser essencialmente agricola o concelho de Guimarães. Muitas são as causas productoras d'esta frieza; a principal é, incontestavelmente, a falta do espirito associativo entre os lavradores e os proprietarios do concelho.

Em geral cada um julga poder dispensar o auxilio alheio e vae-se governando, conforme entende e póde, com os seus proprios recursos e aptidões.

Conseguiu o syndicato uma missão vinicola em 1896, e poucos se utilisaram dos ensinamentos que ella produziu. Verdade é, tambem, que a falta do relatorio, que ficou de dar-nos o ex.^{mo} snr. A. Batalha Reis, contribuiu bastante para a tornar menos conhecida e apreciada. Alem d'isso o tempo não vae azado para estudos e progressos; as adegas varreram-se tanto no anno de 1896, como no de 1897; da actual colheita, mesmo, grandes tem sido as transacções, prognosticando que não deitarão fóra muitos mezes de 1898, que não esteja o vinho vendido por preços remuneradores; os cereaes e generos, que os proprietarios recebem de renda, parece bastarem ás suas ambições; n'estas condições falta o estímulo para aperfeiçoar os productos, visto que sem aperfeiçoamento são bem vendidos; falta a necessidade, que é a mãe das invenções, o aguilhão da actividade.

A prova está em que apenas dous proprietarios requisitaram leveduras seleccionadas para os seus vinhos, animados pelos resultados anteriormente colhidos; infelizmente foram recebidas tão tarde, que não poderam ser aproveitadas, pelo que só um dos requisitantes fez uso das que haviam sobejado da anterior vindima.

Recebemos a medalha, com que os nossos vinhos foram premiados na exposição de Bordeus.

Se este producto mereceu tão alevantada consideração, com os defeitos, que não poderam ser corrigidos por uma perfeita vinificação, quanto mais o seria se elle representasse o mais esmerado fabrico e a mais acurada exhibição! Expondo o que havia e tal qual havia, congratulamo-nos com a distincção conferida.

Temos continuado a publicação da «Revista Agricola de Guimarães», que é mais uma expressão da nossa boa vontade, e por isso merecem desculpa as faltas que tem incorrido o seu director. Agradecemos aqui aos cavalheiros que a tem honrado com a sua collaboração, especialmente ao ex.^{mo} snr. F. M. M. d'Oliveira, benemerito agricultor e distincto escriptor agricola da Povoação de Lanhoso.

Abrimos um concurso para o fornecimento do enxofre aos socios, e muitos se utilisaram.

Reconhecendo a necessidade de promover o melhoramento da cultura dos cereaes, pensamos na fundação de um campo de experiencias culturaes. Trazemos este assumpto em estudo. A difficuldade maior, com que esbarramos, é a de obter o campo, porque, longe da cidade não convem, e perto, a renda de um, que haja de reunir todas as condições, não pode ser barata. Outra difficuldade é a falta de quem dirija essas experiencias.

E' preciso que a ex.^{ma} Camara crie um partido de agronomia, como já creou um de veterinaria, impondo ao agronomo a obrigação de fazer ensaios e experiencias culturaes, e o que seja considerado util e conveniente ao ensino dos melhores processos de cultura, em tendencia ao maior producto e por tanto ao maior lucro. Não falta quem queira aprender e não pôde, quem queira saber e não tem quem o ensine.

A criação de um partido municipal de veterinaria podemos-a afoitadamente considerar effeito da acção do Syndicato Agricola de Guimarães e da opportunidade que lhe offereceu a proxima abertura do matadouro municipal, cujo director será um veterinario.

Devemos agora pugnar pela criação de um partido de agronomia, incontestavelmente tão util como aquelle.

Tendes este anno de proceder á eleição da Direcção, restando-nos agradecer a confiança que vos temos merecido.

Guimarães, 31 de dezembro de 1897.

A DIRECÇÃO,

*Abade João Candido da Silva.
Antonio Marques da Silva Lopes.
Manoel Victorino da Silva Guimarães.
Antonio Augusto da Silva Carneiro.
Antonio Coelho da Motta Prego.*

Conta da Receita e Despesa do Syndicato Agricola de Guimarães desde 1 de Abril até 31 de Dezembro de 1897; a saber

RECEITA		DESPESA	
1897		1897	
Abril 1	Saldo em 31 de março	Dezembro	
Dez.º 31	Joiã de 2 socios..... 4\$000	Caixão, carretos e despacho de amos-	18760
	Mensalidades..... 38800	tras de vinho.....	18910
	16 barris vazios vendidos 17\$435	Estampilhas.....	54\$935
	Recebido de uma ana-	Pago por impressão da Revista.....	18550
	lyse de terra..... 1\$500	Annuncios no «Commercio» 860-690..	920
	Venda de mais pipos de	Papel e enveloppes.....	160
	vinho..... 14\$500	Lacre e aparos.....	650
	Recebido do Carvalho,	i tubo de borracha.....	18500
	esporeiro..... 2\$305	Analyse de terra.....	3\$000
	Idem aluguer do pul-	Assignatura do «Portugal Agricola»..	3\$400
	verisador..... 2\$000	Pago a João Carvalho.....	345
	6 barris vazios vendidos 6\$250	Telegramma para leveduras.....	605
	<u>86\$790</u>	Transporte de ditas.....	
		Ordenado do empregado, 9 mezes a	
		1\$500.....	13\$500
		pago a Agostinho das Neves.....	18200
			Rs.... 85\$435
			<u>13\$985</u>
			99\$420
1898, Janeiro 1.	Saldo do anno de 1897. 13\$985		
	Guimarães, 31 de Dezembro de 1897.		

S. E. e O.

O Thesoureiro,

Manoel Victorino da Silva Guimarães.

Mercado de janeiro

1898

GENEROS	Unidad ^o	8			15		22	
		JANEIRO						
	Duplo deca litro	Preço	Preço	Preço	Preço	Preço	Preço	
Trigo			960	960		960		
Centeio			600	600		600		
Milho alvo			680	680		680		
Milhão branco			540	550		540		
Milhão amarello			520	530		520		
Paíço.			500	500		540		
Feijão vermelho			1000	1000		1020		
Dito branco			1000	1000		1000		
Dito anarello.			760	760		780		
Dito rajado			700	700		720		
Dito fradinho.			760	780		780		
Batatas			360	360		340		
Azeite.	Litro		320	320		320		
Vinho.			080	080		080		

Mercado de fevereiro

1898

GENEROS	Unidad	5	12	19	26
		FEVEREIRO			
	Duplo deca litro	Preço	Preço	Preço	Preço
Trigo		1000	1000	1000	960
Centeio		600	600	620	640
Milho alvo		700	680	720	720
Milhão branco		560	580	580	580
Milhão amarello		540	560	560	560
Painço.		520	550	560	540
Feijão vermelho		1000	1000	1000	1020
Dito branco		1000	1000	1000	1000
Dito amarello.		800	850	820	840
Dito rajado		750	750	780	800
Dito fradinho.		800	780	840	860
Batatas		340	360	360	360
Azeite.	Litro	300	300	300	300
Vinho.		090	080	100	090

Mercado de março

1898

GENEROS	Unidad ^e	MARÇO			
		5	12	18	26
	Duplo deca litro	Preço	Preço	Preço	Preço
Trigo		960	960	1000	1000
Centeio		640	640	660	680
Milho alvo		740	750	720	740
Milhão branco		600	590	590	600
Milhão amarello		580	570	570	580
Painço.		540	560	560	600
Feijão vermelho		1100	1040	1040	1040
Dito branco		1040	1040	1040	1000
Dito amarello.		860	860	880	850
Dito rajado		820	820	800	780
Dito fradinho.		860	840	800	840
Batatas		320	400	500	540
Azeite.	Litro	280	280	280	280
Vinho.		090	090	090	090